

MAGAZINE

Televisão

TÚMULO

Silvio de Abreu conta como faz para guardar todos os segredos de "Passione". **Página 7**



www.otempo.com.br

O TEMPO BELO HORIZONTE TERÇA-FEIRA, 21 DE SETEMBRO DE 2010

Música

FLÁVIA MAFRA / DIVULGAÇÃO

Lançamento de CD solo de Luiz Gabriel Lopes feito em Portugal é mais um capítulo de intercâmbio musical

Idas e vindas luso-brasileiras

■ DANIEL BARBOSA

Em maio deste ano, a caminho de um festival do qual iria participar na Itália, o Graveola e o Lixo Polifônico – expoente da nova cena musical em Minas – fez uma escala em Lisboa, onde conseguiu armar dois shows. Luiz Gabriel Lopes, violonista e vocalista da banda, diz que a receptividade foi não menos que impressionante. Tanto que ele resolveu ficar por mais alguns meses, estabeleceu parcerias, compôs músicas e voltou com um disco pronto, “Passando Portas”, cujo show de lançamento acontece amanhã, no Museu Inimá de Paula.

Essa experiência recente de Luiz Gabriel e do Graveola é mais um capítulo do profícuo diálogo musical que tem havido ao longo dos últimos três anos entre artistas mineiros e portugueses, e que aponta para a solidificação de um intercâmbio que abre portas para ambos os lados do Atlântico.

O canal de comunicação entre Minas e Portugal começou a ser aberto por Makely Ka, Vítor Santana e Gilberto Mauro, por ocasião das edições de 2007 e 2008 da Womex – feira mundial de música que é realizada anualmente em diferentes cidades europeias. Luiz Gabriel tributa a esses primeiros contatos a surpreen-

dente receptividade que o Graveola teve em Portugal. “Nossos shows lá foram impressionantes, tinha muita gente que já conhecia a banda, conhecia as músicas, pedia suas preferidas. Isso tem a ver com esse movimento de intercâmbio iniciado com o Makely, o Vítor e o Gilberto, e que envolveu mais efetivamente alguns artistas de lá, a Suzana Travassos e o João Pires”, diz, citando dois nomes que, desde 2008, passaram temporadas no Brasil, criando, fazendo shows, cavando espaço na cena local. João, aliás, participou ativamente de “Passando Portas”.

“Eu peguei a rebarba desse movimento que eles começaram, do qual foram a primeira geração. No início deste ano teve a turnê por Portugal do Antônio Loureiro, que viajou com vários músicos daqui. Foi uma segunda chegada lá. Numa dessas, alguém levou o CD do Graveola. A música brasileira tem um espaço gigantesco em Portugal, então esse é um contato que tem que ser consolidado”, diz Luiz Gabriel.

O fluxo, claro, é de mão dupla. João Pires está morando há sete meses em Belo Horizonte e nesse período já registrou marcante participação em “Beirute”, álbum de Vítor Santana lançado neste ano. Um diálogo de mesma intensidade se estabeleceu entre João e Luiz Ga-

brriel, que resultou, além do disco, numa série de shows. A propósito, ambos retornam a Portugal em outubro, para outras apresentações.

“Desde que conheci o Vítor e o Makely na Womex, eu já os levei algumas vezes para Portugal. Na verdade, vários músicos de Belo Horizonte já passaram uma temporada em Lisboa, hospedados na minha casa e da Suzana (Travassos), que também já ficou um tempo aqui em Belo Horizonte”, diz João, que, além de acompanhar Luiz Gabriel nos shows de “Passando Portas”, está trabalhando como diretor artístico de um álbum que está sendo produzido pela ONG Contato, dirigida por Vítor Santana. No próximo dia 7, ele vai apresentar, no Teatro da Biblioteca Pública Estadual, um show com músicas resultantes de parcerias com artistas locais.

Agenda

O QUE: Show de lançamento de “Passando Portas”, de Luiz Gabriel Lopes

QUANDO: Amanhã, às 20h

ONDE: Museu Inimá de Paula (rua da Bahia, 1.201, centro)

QUANTO: R\$ 10

CONTINUA NA PÁGINA 2



Viagem. Integrantes do Graveola (Luiz Gabriel é o segundo a partir da esquerda) em Portugal

CONTINUAÇÃO DA CAPA
Identificação

FERNANDO FIUZA / DIVULGAÇÃO



Makely foi dos primeiros a estabelecer intercâmbio com Portugal

Afinidade musical facilita o diálogo entre os artistas

■ **DANIEL BARBOSA**

■ Desbravador das possibilidades de intercâmbio entre músicos mineiros e portugueses que tem havido, Makely Ka diz que um primeiro contato foi feito em 2007, e a consolidação desse incipiente diálogo se deu em 2008, em ambas as ocasiões por conta da Womex. Ele aponta que foi a partir daquela segunda ida que as parcerias começaram a frutificar. “Em 2008, fomos o Gilberto Mauro, o Vítor Santana e eu representando o Fórum da Música de Minas Gerais. Conhecemos a Suzana Travassos, soubemos que ela tinha um trabalho com música brasileira e começamos a trocar figurinhas, saíamos, tocávamos à noite”, diz, acrescentando que Gilberto chegou a fazer um vídeo dessa temporada lusitana.

Ele conta que, a partir desse encontro com a cantora, foi estabelecido um núcleo a partir do qual as relações foram se ampliando. “A Suzana começou a tocar nossas músicas, e o João Pires, que era namorado dela e a acompanhava nos shows – é um instrumentista virtuoso –, começou a pegar nossas canções também. Rolou uma afinidade grande. Mais do que uma relação de parceria institucional, estabelecemos uma parceria musical e de amizade”, diz. Ele acabou por produzir um show de Suzana, no ano passado, no Sesc Pompeia, em São Paulo, e nesse processo a rede de contatos foi se ampliando.

“Esse fluxo abriu mais caminhos para a gente em Portugal. Fizemos um contato com o João Ventura, do Teatro de Portimão, na região

de Algarve. Acabei indo me apresentar lá, dei uma oficina, depois o Antônio Loureiro esteve lá também, o Gilberto Mauro, a Maísa Moura. Estamos pensando em abrir um edital no próximo ano para manter esse canal fixo de intercâmbio”, projeta. “A Suzana veio outras vezes ao Brasil com parcerias consolidadas e está gravando um disco com músicas minhas, do Vítor, do Gilberto. As relações vão se fortalecendo”, completa.

Vítor Santana considera que esses contatos se estabeleceram e vão ficando cada vez mais fortes pela afinidade musical que há entre a música portuguesa e a de Minas, cuja universalidade ele destaca. “A Womex é uma feira de negócios, o que menos tem é música para se ouvir, mas essa turma, a gente conheceu mais numa onda de tocar mesmo, ir para a praça e ficar criando. Quebramos o paradigma e daí começou essa relação tão forte. Foi um momento mágico, que passou por essa coisa da conexão musical”, diz, destacando a parceria com João Pires.

“Eu o conheci no ano passado, iniciamos um diálogo, firmamos uma amizade muito forte e através dele conheci vários outros músicos portugueses. Hoje ele está hospedado na minha casa e tocando por aí, comigo, com o Tiago Delegado, com o Luiz Gabriel”, diz, ressaltando que, pelo interesse de Portugal pela música brasileira – o que João confirma –, o Graveola se integrou com facilidade nesse contexto de intercâmbio. Vítor, a propósito, planeja um turnê para lançamento de “Beirute” em Portugal no próximo ano.

Em nossa casa acontecia de tudo

LAURA MEDIOLI

laura@otempo.com.br

Tínhamos um doberman de nome Bruno, recordista em arremesso de gambás



ACIR GALVÃO

A noite, em nossa casa, apareciam gambás, gatos, besouros, sapos, mariposas...

Os gatos eram um inferno. Descobertos pelos cães, subiam nos troncos da mangueira atrás do meu quarto e lá ficavam o resto da noite. Claro, os cachorros também; latindo enlouquecidamente, não nos deixando dormir.

Os gambás eram outro problema. De vez em quando, aparecia um estraçalhado na varanda. Tínhamos um doberman de nome Bruno, recordista em arremesso de gambás. Pegava-os, dava uma sacudida e os bichos voavam longe. Para o meu desespero, nunca consegui salvá-los dos ataques certos de nosso cachorro.

Gostoso era na época das chuvas, em que a saparia passava a noite cantando.

Lembro-me de um fim de tarde em que fui tomar banho. Fazia muito frio e, para não molhar a cabeça, coloquei uma touca plástica. Tamanho foi meu susto ao perceber que a touca pulava. Tirei-a rapidamente e, de dentro dela, vi sair uma gélida e saltitante perereca. Claro, acabei lavando os cabelos.

Os grilos e as cigarras também faziam nossas noites mais felizes. Era gostoso dormir assim, escutando a natureza, nesse recanto privilegiado que era a nossa antiga casa na Pampulha.

Imaginem que, durante todos esses anos, nunca entrou sequer um ladrão. Dois, sim, vários! Mas ladrão, nunca! E nem chave direito as portas tinham. Viviam destrancadas.

Quando jovens, nossos amigos iam constantemente à nossa casa para dormir ou ver televisão à noite. Normalmente, após alguma festa na Pampulha, com preguiça de voltarem à cidade, ficavam por lá mesmo. Sabiam que encontrariam a casa aberta. Assim como sabiam

onde encontrar as roupas de cama, os colchonetes, a sala onde normalmente dormiam, o caminho da geladeira, da cozinha, dos banheiros... De manhã, era sempre a mesma coisa. Os pais ligavam preocupadíssimos para minha mãe, perguntando se os filhos tinham dormido em nossa casa. Na maioria das vezes, sequer ela sabia. Corria para verificar e voltava ao telefone para tranquilizar as aflitíssimas mães.

Certo dia, aconteceu um fato do qual rimos muito. Fui dormir na casa de uma amiga e meus irmãos haviam saído. Em casa, apenas meu pai e minha mãe. Lá para as tantas da noite, acordaram com um barulho na maçaneta do quarto. Estranhando aquilo, perguntaram: – Cristiano? E nada. – Virgílio? Nada. – Paulo? Silêncio.

Meu pai deu um pulo da cama e pegou o revólver. Minha mãe, apavorada, começou a falar alto, para mostrar que havia gente em casa

Meu pai deu um pulo da cama e pegou o revólver. Minha mãe, apavorada, começou a falar alto, para mostrar que havia gente em casa. Abriram a porta e foram saindo de mansinho. Silêncio total. Continuaram descendo e, com um supetão, abriram a porta da sala.

Não sei quem levou mais susto: meu pai, ao se deparar com um bando de jovens esparramados na sala da TV, ou meus amigos, ao verem diante deles um senhor de pijama azul de bolinhas com um 38 na mão.

O mistério foi logo desfeito. O amigo do meu amigo

que nunca tinha ido à nossa casa errou o caminho do banheiro e foi parar no quarto de meus pais. Estavam em uma festa na Pampulha e, como na TV passaria a corrida de Fórmula 1 no Japão, à 1h da manhã, não tiveram dúvidas: – “Vão pra casa da Laurinha!”.

Foram poucas as vezes em que o revólver do meu pai foi tirado de debaixo do colchão. De vez em quando, na madrugada, ao escutar algum barulho estranho e a cachorrada alvoroçada, ele ia lá fora dar tiros para o ar. E a gente atrás, achando aquilo uma delícia. Menino é assim, não tem a menor noção de perigo.

Houve uma época em que, no alojamento de baixo, dormiram, durante alguns dias, vários peões de obra. Como ficaram ali por pouco tempo, nunca tivemos problemas, até o dia em que um deles inventou de brigar com o companheiro. Briga feia, de socos, tapas e palavrões escabrosos. Chegou a turma do “deixa disso” e desfez a baderna. Anoitecendo, não se dando por satisfeito, um deles pegou um revólver e partiu para cima do outro. Minha mãe, tomando conhecimento do fato, foi se meter na confusão. Desceu correndo feito uma louca, com uma coragem que não sabe de onde veio e, com muita conversa, conseguiu tirar a arma das mãos do sujeito. No final, o homem lhe agradeceu, pois poderia ter cometido uma loucura. Iria preso, com família para criar e aquelas histórias que já conhecemos. Depois disso, minha mãe caiu na cama. Passou o dia sem ter forças para nada.

Enfim, lá em casa era assim: acontecia de tudo! Fatos que deixaram marcas registradas na memória e na alma, influenciando o nosso jeito de enxergar as coisas.

